

1 Introdução

O assunto deste estudo, voltado às indagações acerca da problemática que envolve a leitura e, em muitos momentos, por consequência, a escrita, tem o seu cerne nas inquietações, geradas por trabalhos nossos, de ordem prática e teórica, atrelados à busca de respostas que exigiam o aprofundamento em muitas questões.

Ao recolhermos, ao longo de dez anos, experiências e reflexões dentro de espaços nos quais estivemos inseridos, durante o exercício do magistério, nós nos vimos obrigados, por uma necessidade urgente, a buscar aprofundamento que pudesse nortear, com mais coerência, o trabalho com leitura e produção de textos que, cada vez mais, mostrava-se defasado em muitos aspectos, como veremos ao longo deste estudo.

Impulsionados, então, por estas insatisfações, criamos como (des)ler o leitor e, a partir daí, tentar descortinar aspectos capazes de contribuir para a reflexão sobre sua formação; por isto, nos aventuramos em um projeto chamado "Círculo de Leitura"¹, espaço disponibilizado, prioritariamente, para fomentar o prazer de ler, já que o desprazer dos estudantes, ao se aproximarem dos textos, era nítido, e, por consequência, todas as dificuldades advindas desta distância: expressão oral e escrita deficientes, do ponto de vista da lógica, dificuldade de apropriação de idéias nas leituras dos materiais em diferentes disciplinas, dentre outras.

No ano de 2003, implantamos o Projeto "Círculo de Leitura", orientado pela Prof^a. Dr^a. Eliana Yunes, que foi aplicado, de início, a 30 (trinta) estudantes do curso de Letras, quando cursavam o 2º ano, e um estudante formado em Pedagogia, nas Faculdades Integradas de Fátima do Sul - MS. O projeto foi estendido ao ano de 2004, por desejo dos participantes e gerou material suficientemente interessante para desencadarmos estudos teóricos, mais aprofundados, ligados ao tema em questão. Ao verificarmos o quanto esta prática leitora era profícua para o desenvolvimento dos estudantes, elaboramos o pré-projeto que originou este trabalho.

¹ A expressão figura entre aspas para destacar a importância de pensarmos esta prática leitora como metáfora, atentando para o fato de que ler em círculo, neste sentido, é algo infinitamente mais complexo do que simplesmente sentar em círculo. Ao longo do trabalho e no Apêndice aparecerão mais detalhes sobre o desenvolvimento deste projeto.

É importante mencionar que este ponto de partida proporcionou o alargamento acerca da visão da leitura, em relação a outros espaços e regiões, ao buscarmos entender a formação do leitor. Por isto, foi possível perceber que o problema do desprazer com a leitura estende-se a outras regiões e contextos de atuação dos indivíduos. Em pesquisa aplicada ao curso de Letras de uma Universidade Federal, indagando sobre a primeira fonte de prazer dos estudantes, foi possível constatar: dos 42 (quarenta e dois) estudantes que responderam ao questionário, 14 (quatorze) colocaram a leitura de material escrito em primeiro lugar, aproximadamente 30%. Os outros 70% informaram que outras atividades como ouvir música, ver filmes, conversar, fazer passeios e ir a cultos evangélicos são mais interessantes.

Este desprazer alcança também os níveis mais altos de escolaridade. Aplicando a mesma pesquisa a uma especialização em Letras, para 10 (dez) estudantes, na cidade de Juiz de Fora, verificamos que, mesmo neste nível já "avançado" da aprendizagem, 90% dos estudantes que responderam ao questionário colocaram a leitura de material escrito em segundo plano, no que diz respeito ao gosto, tratando-a como menos atraente em relação a todos os elementos citados. Somente 10% afirmaram ter a leitura como primeira fonte de prazer.

E, ainda, numa empresa do ramo de alimentos, a aplicação da mesma pesquisa gerou o seguinte resultado: 07 (sete) pessoas, com nível superior em Administração e Ciências Econômicas, e 05 (cinco), com o segundo grau, responderam ao questionário: nenhuma das 07 (sete), com curso superior, informou que leitura de material escrito fosse a atividade mais prazerosa. Apenas uma informou tal atividade como fonte de prazer, numa horizontalidade com outras. Das outras 05 (cinco), nenhuma considerou a leitura como prazerosa, mas duas delas citaram a importância da leitura de sites e revistas em áreas especializadas, como fonte de informação.

Com muita desconfiança, vale citar, para refletirmos, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em meados de 2008. Esta pesquisa é alvo de diversas críticas, especialmente pela comparação adotada, em relação à pesquisa do ano 2000, porque são medidos índices diferentes, como faixa etária, por exemplo, observando-se que a segunda alargou o universo de pesquisados, em relação à

primeira, e outros. Dentre uma infinidade de contradições expostas em vários artigos na internet, tem-se também a conclusão de que o brasileiro lê mais e que o crescimento do número de leitores está principalmente ligado à escola, incluindo a leitura de livros didáticos (a escola brasileira se fará presente ao longo deste estudo). Para começo de conversa, contrapomos a leitura do professor Silviano Santiago, em entrevista no ano de 2006 (mas apresentando a mesma tese desde os anos 70) ² à pesquisa, quando este intelectual refere-se à nação brasileira como uma “nação analfabeta”.

Ao cabo e ao final deste trabalho, voltaremos a dialogar com estes interlocutores, para concluirmos, se existe relevância, do ponto de vista qualitativo, para a informação da pesquisa, ou se a afirmação do professor Silviano está mais próxima da realidade da educação no Brasil.

Como outros pesquisadores, pensamos que a leitura como teoria é um horizonte em que ainda cabe uma vasta exploração, tal a falta de pesquisas, bibliografias e a falta de dados objetivos que acabam por jogá-la no perigoso processo do ensaio-e-erro ³. Desta forma, este estudo buscará associar práticas e teorias, algumas destas últimas já velhas conhecidas, procurando repensar os enfoques teóricos, além de inserir outros dados concretos, e o (possível) surgimento de outras teorias, (re)lendo o leitor e pensando sua formação, pelo viés da cultura.

Além de ancorar teoricamente o desenvolvimento deste estudo, propusemos a analisar o “círculo de leitura” detidamente, a partir dos capítulos 6 e 7, que se referem aos perfis de leitores, através de um roteiro de perguntas, ou de leitura⁴ (RL), que conduziu o acadêmico à escrita de sua história de leitor. Nestes roteiros, como será possível ver, foram registrados pontos de interesse para a compreensão da relação do acadêmico com a leitura, ao longo de sua vida, desde situações de leitura em família, na infância, passando pela escola de primeiro e segundo graus, até a relação com o texto, no decorrer da faculdade, incluindo a participação no “círculo de leitura”.

2 SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa, 1982.

3 LIMA, Ebe. Curso de Especialização em leitura: teorias e práticas da Unidade Universitária Cora Coralina (UEG) – Goiás, 2000.

4 Roteiro de perguntas. Adaptação do trabalho da Prof^a. Maria Cecília de Mello Silva, intitulado Leituras de professoras: suas histórias e práticas. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2001.

Com relação ao papel do mediador, foi importante analisar aspectos relevantes para pensar a formação do gosto pela leitura, através do “diário do círculo”. Nele, estão registrados fatos e impressões sobre todos os encontros, a partir de nosso olhar sobre os leitores e sobre os textos lidos.

Em cada encontro do "Círculo", houve um texto lido e, para cada texto, houve um comentário escrito, através do qual os participantes registraram, individualmente, as discussões sobre os textos e a construção das idéias sobre as leituras feitas. Analisamos, então, dados contidos nas produções de textos (PT) dos participantes do “círculo” e tecemos observações acerca do desenvolvimento da escrita, através de alguns aspectos, dentre eles: método comparativo de verificação dos progressos na escrita, como a logicidade das idéias (coerência), a capacidade de escrita (organização e estruturação das idéias, elementos concretos no texto), a posição crítica/política assumida pelo leitor e, por fim, a originalidade.

E, finalmente, ainda, identificamos e analisamos os registros feitos nos “diários de leitura” (DL), escritos pelos participantes, os quais puderam explicitar aspectos relevantes para a formação do leitor, como, por exemplo, o desenvolvimento do gosto pela leitura, e a interferência, nesse processo, de fatores como memória, (inter)subjetividade, contexto, linguagem, comunicação, interpretação, recepção, comunidades interpretativas, sensibilidade, associação de idéias, dentre outros.

O “produto” dessas análises não desponta neste estudo como algo didatizado, pois os elementos analisados, obviamente, não se apresentam com esta logicidade. Portanto, optamos por colocar em diálogo todos os aspectos do material estudado sem seguir uma linha rígida de apresentação. Ou seja: os diários dos leitores, por exemplo, forneceram elementos para pensarmos sua escrita, como as produções de texto também os forneceram para tentarmos entender as subjetividades. Condizentes com esta proposta, nós permitimos os imbricamentos, tentando aproximar o “círculo”, aqui, da maneira como eclode no espaço da sala de aula, ao captar um entrelaçamento de campos e de saberes: verdadeiro emaranhado de idéias, metáfora da cultura.